

## Índice

Parte I	9
Parte II	51
Parte III	67
Parte IV	107
Parte V	131
Parte VI	159
Parte VII	189
Parte VIII	213
Agradecimientos	235



# Parte I



Lá para os lados de Skyler Square, o sobressalto avançava rapidamente de porta em porta, com as mães a falarem entre elas, não em voz alta, mas dizendo umas às outras: *bebé desaparecido, homem mau, animal selvagem.*

\*

## 1. CARMEL

Na noite em que a criança desapareceu, Carmel estava sentada a uns quilómetros de distância, junto à janela de um café em Brockley. Respiração ofegante, vidro embaciado. Ao passar, um homem espreitou para averiguar se ela era bonita e espantou-se com a intensidade do seu rosto, por trás do vapor que parcialmente o ocultava. Carmel parecia ignorar o suave ruído do entrecostar dos pratos e o silvo das batatas a fritar, lá atrás. Não ouvia nada. Quando se embrenhava nas suas memórias, assemelhava-se a uma ave de rapina. Um falcão ansiando, voraz, por um dos poucos prazeres que lhe restavam, o de esgravatar as recordações de noites e momentos perdidos. Só raramente se permitia fazer isto. Acontecera tudo há tanto tempo. Contavam-se pelos dedos as oportunidades que ainda teria de rememorar assim. Nem sem-

pre seria possível convocar, com precisão, as texturas e os sabores que se desvaneciam cada vez mais depressa.

Quando a criança desapareceu, enquanto o pátio era tomado pelo dramatismo e pela angústia, Carmel pensava em sexo. Tentava organizar mentalmente os diversos encontros com o antigo namorado, mas sem os juntar todos, como numa mistura de interações, porque não queria desperdiçar os seus pensamentos numa onda incoerente. Em vez disso, catalogara esses encontros há vários anos, atribuindo-lhes títulos, e ao pensar neles dedicava uma grande atenção a cada um. Muitas vezes, tendo em conta que o caso amoroso com Derek acontecera quase em exclusivo na privacidade do apartamento dele, dava a esses encontros nomes que correspondiam a coisas que haviam consumido juntos, e cujo sabor ela recordava ter experimentado na boca do amante.

Certas bebidas (a Noite do *White Russian*), pratos simples que ele cozinhara com encantadora incompetência (a Noite do Esparguete à Bolonhesa), *pizza* com um ligeiro sabor a caixa de cartão (a Noite do Gino's). Amiúde, o que ela sentia era o cheiro familiar a cerveja e cigarros do bigode dele, um belo aroma onírico e acre que a assombrava. Outras noites podiam ser inspiradas por um livro que ele andasse a ler na altura (a Noite da *Servidão Humana*), ou um capítulo que ela andasse a estudar (a Noite das «Regras da Casa»). Carmel lembrava-se perfeitamente dos livros a serem postos de lado quando os dois ficavam demasiado impacientes.

A roupa que vestira era outro dos métodos. Pensar nele a abrir o fecho lateral da saia, ou a despir-lhe pela cabeça a confortável camisola de lã que ela roubara ao irmão depois de esta ter encolhido na máquina de lavar. Havia maneiras de fazer a coisa, maneiras de diferenciar as experiências. Apesar do que daí resultou, e do que significaram para o resto da vida dela, as noites passadas com Derek não tinham sido assim tantas. Ou pelo menos não foram as suficientes para que as várias formas como ele a tocava ou olhava acabassem por se misturar numa amálgama.

Esses gestos e olhares também eram separáveis. Por exemplo, o êxtase incrédulo no rosto de Derek quando ela abriu as pernas pela primeira vez e o deixou ver tudo, de luz acesa, sem vergonha. A alegria desconcertante do momento em que o namorado lhe enfiou um dedo na boca, sondando delicadamente, para que ela se sentisse avaliada enquanto corpo, enquanto animal, mas sentindo-se feliz com isso. E agora, na janela embaciada, Carmel pusera-se a murmurar o nome dele para si mesma, como quase nunca fazia, e sentiu por um momento aquele fervor crescente de devoção que em tempos fora constante. A sensação, que não ignorava ser uma mentira, de que faria qualquer coisa por ele, qualquer coisa para o voltar a ter, nem que fosse por um minuto. Só para poder confirmar que o cheiro do seu suor correspondia à memória que guardava, tão fresco e agradável. Se fosse verdade, se ela se dispusesse a fazer tudo para o ter de volta, então teria feito isso na altura. Teria feito a única coisa que garantidamente o impediria de se ir embora.

Carmel autorizava-se a satisfação de recordar, porque o outro prazer que restava, o do sono, fora-lhe arrancado nessa manhã. Era estranho que o sono se tivesse tornado tão importante. Oferecera-lhe resistência durante a maior parte da vida. Nos seus anos de juventude, considerava-o uma coisa deprimente e aborrecida, um grande desperdício de tempo, que podia ser aproveitado a divertir-se ou a pensar. Depois, chegada à idade adulta, temia que um tal apagamento se aproximasse excessivamente da ideia de morte e fosse algo demasiado tentador, uma forma de indulgência. Mais tarde, aceitou o vazio do sono como algo de positivo, quando deixou de acreditar na possibilidade de um movimento com propósito e encarou a distração como o único alívio possível.

Houve duas noites seguidas, pouco depois de a mãe ter morrido, em que Carmel deixou o apartamento onde a família vivia.

Vou estar fora dois dias, disse ao pai e ao irmão. Conseguem tomar conta da Lucy durante dois dias?

O pai queria perguntar-lhe o que tencionava ela fazer, mas não perguntou. O irmão limitou-se a assentir, abanando a cabeça. To-

mariam conta da criança. Com algum dinheiro que tinha poupado, reservou duas noites num hotel, em Little Venice, um sítio onde uma mulher que trabalhava na loja ficara no seu aniversário. Carmel não tinha bem a certeza do que estava a fazer, mas convenceu-se de que se havia uma boa altura para experimentar novas formas de sexo era agora, nas águas turvas do luto. Encheu um saco com a sua roupa interior menos puída e os seus melhores vestidos e caminhou durante horas até chegar ao hotel. Depois de atirar o saco para cima da cama, no quarto que a surpreendeu por ser tão decadente e infestado de insetos, tomou um duche, aperaltou-se toda e desceu até ao bar. Assumiu que aconteceria sempre qualquer coisa num bar de hotel, ou pelo menos era o que se costumava dizer.

Depois de duas bebidas, e de falar com um homem de negócios muito zangado e nada atraente, decidiu sair para dar uma volta. Tomou outras três bebidas em três *pubs* diferentes, à espera de qualquer coisa. Parecia impossível que não acontecesse qualquer coisa. Havia homens que olhavam para ela, mas ninguém se aproximava, ninguém sequer lançava um olá que trouxesse consigo uma promessa de algo. De volta ao quarto, encontrou um longo cabelo de outra pessoa nos lençóis, e mais insetos na banheira. Bateu com o pé num ataque de fúria desiludida. Gritou foda-se para isto ao ver que o trinco da janela não abria, impedindo que, ao menos, um pouco de ar entrasse no quarto. Foi verificar o resto da cama, à cata de vestígios de outros corpos estranhos, encontrou mais um cabelo, diferente do primeiro, e começou a rir. Deitou-se mesmo assim, bêbeda, resignada à sensação de nojo e desilusão. Lembrou-se de como por vezes encontrava pelos de Derek no interior das suas cuecas, no dia seguinte, e como isso era indescritivelmente excitante. Pressionava então esses pelos lá em baixo, como se eles pudessem voltar a colocá-lo dentro dela, num estado de pura entrega e agonia, a dor tão profunda naquela parte do corpo, uma dor que só podia ser curada com o regresso do que a causava.

Naquela noite, no hotel, a deceção de Carmel fora tão grande que aceitou o peso do sono a que anteriormente resistira. Dormiu durante 12 horas e levantou-se e jantou cedo na Formosa Street,

uma grande tigela de esparguete, depois voltou logo ao quarto para dormir mais, atividade que se tornara de repente deliciosa. Quando foi despertada pelo arrulhar dos pássaros à janela, insultou-os e regressou imediatamente ao vale de lençóis. Aprendeu, assim, que havia mais um amor na sua vida: esta espécie de desaparecimento.

No café em Brockley, arrancada aos seus devaneios eróticos pela proprietária, uma mulher bondosa chamada Sally, que queria fechar a loja, voltou a pensar no pouco que dormira na noite anterior. Estivera afundada num sono perfeito, sonhando com um enorme cinema e mãos que se tocam às escondidas, quando Lucy entrou de rompante no quarto e gritou que estava toda a gente lá em baixo, no pátio, a jogar um jogo, e se ela também podia ir.

Sim, sim, disse Carmel, vai lá.

## 2.

### TOM

Tom olhou para a sua imagem no espelho do elevador, enquanto este descia, iluminado por uma claridade ofuscante. Abanou a cabeça, despenteando-se e depois puxando o cabelo para trás. Exalou um longo suspiro e manteve a posição dos lábios, como se fizesse beicinho. Manteve essa pose por um momento, franzindo os olhos, depois entregou-se a um riso nervoso, deitou a língua de fora e fingiu que estava a vomitar, antes de retroceder, reajustando-se, para o ar composto e esforçadamente casual que mantinha quando estava em trabalho.

Vestia uma camisola coçada da *Fruit of the Loom* e umas *Levi's* pretas. Edward, o seu chefe, desmanchara-se a rir na primeira vez que vira Tom nestes preparos.

Estás a tentar passar por um homem comum, Hargreaves?, perguntara-lhe.

Tom corou ao ouvir isto e acompanhou o riso do superior hierárquico, para disfarçar. Não havia nada que ele quisesse

mais do que a aprovação de Edward. Vivia, aliás, para o breve êxtase de um Bom trabalho, rapaz, ou de um Sabia que podia contar contigo.

Mais tarde, sentiu-se ofendido e posto em causa, a ponto de se imaginar a discutir com o chefe, mas só dentro da sua cabeça. Aquelas eram as roupas que vestia em Margate, antes da mudança para Londres e de começar a trabalhar nos jornais. Eram as roupas das pessoas comuns. Acontecia apenas que andara tanto tempo a querer passar-se pelo que não era, num esforço para não destoar ao pé dos outros, que regressar às suas velhas coisas tinha algo de cómico e perverso.

Saloios, eis a designação usada por Edward e pelos outros (com exceção de uns quantos funcionários conscienciosos, sob a influência de um jornalista esquerdalho) para descrever toda a gente que não fosse da imprensa ou da realeza ou uma celebridade. Saloios eram as putas baratas que andavam enroladas com futebolistas e depois contavam tudo em troca de umas centenas de libras. Saloios eram as mães solteiras com filhos hiperativos, que podiam dar manchetes como VIZINHOS INFERNALIS. Saloios eram os traficantes de meia-tigela que vendiam droga nos intervalos de um emprego em que faziam atendimento ao público.

(O primeiro artigo de Tom num jornal de difusão nacional fora sobre um vigilante que ajudava as crianças a atravessarem a rua, junto a uma escola, e que vendia comprimidos aos alunos da primária quando acabava o seu turno. Esse homem não existia, era pura invenção, claro. Anto, o suposto traficante dos chupa-chupas, era Harry, com quem Tom partilhava casa, de costas para a objetiva, envergando um fato de treino e um colete refletor, a sua careca besuntada de creme para brilhar de um modo um pouco mais ameaçador.)

Os saloios eram os aldrabões, os homens do lixo que reivindicavam melhores salários, os alcoólicos, os moralistas que vão à igreja, os idosos que telefonavam a queixar-se das histórias que viam na TV, as mulheres promíscuas, as enfermeiras, os candida-

tos a seguranças, mas mais importante do que tudo, acima de tudo, saloias eram as pessoas que liam as notícias.

No espelho do elevador, verificou mais uma vez a sua aparência, antes de sair e dar uma volta pela praça, a ver o que conseguia saber sobre as famílias.

Ao deparar-se com o seu próprio olhar no reflexo, ocorreu-lhe uma das ideias intrusivas e incongruentes que fora obrigado, com alguma frequência, a reprimir ultimamente. Na maior parte das vezes, essas ideias chegavam-lhe quando estava a tentar adormecer, nas noites em que não bebera tanto álcool que apagava logo. Mas também surgiam durante as reuniões editoriais da manhã, particularmente quando metia os pés pelas mãos e entrava em pânico, incapaz de acicatar o interesse de Edward com alguma coisa sumarenta, o que o levava a sentir o perigo iminente de um raspanete. Os seus pensamentos antecipavam-se, gritando para si mesmo «Cabrão de merda estúpido de merda», com uma tal urgência que tinha de combater o impulso de começar a rir ou a chorar. Estes ataques eram, por vezes, de uma natureza quase jubilosa, como uma explosão súbita de música circense, tocada num volume altíssimo, dentro do seu crânio.

*Sou o homem mais solitário do mundo*, gritava interiormente no elevador, ao contemplar-se no espelho. *Sou o homem mais solitário do mundo!*

\*

Quinta-feira, 17 de maio de 1990

TERROR EM NUNHEAD COM DESCOBERTA DO CORPO DE  
CRIANÇA DESAPARECIDA JUNTO A CAIXOTES DO LIXO

Por Tom Hargreaves

Residentes de um complexo de habitação social em Skyler Square mostravam-se abalados, esta manhã, depois de o corpo de Mia Enright, de três anos, ter sido encontrado, após uma noite de busca angustiante. Os vizinhos que descobriram Mia testemunha-

ram que o seu corpo mostrava sinais de hematomas em volta do pescoço, o que alimenta a especulação quanto à natureza, eventualmente deliberada, dos ferimentos.

Charles e Etta Enright, um jovem casal popular, que alguns amigos consideram ser um dos pilares da comunidade, por ajudarem no funcionamento de associações juvenis e em atividades para adultos desempregados, estavam hoje a ser confortados por familiares. Mia foi vista pela última vez no pátio comum do seu bloco de apartamentos, a brincar com o irmão mais velho, Elliott, e outras crianças do bairro. Em princípio, ter-se-á afastado do local e perdeu-se, o que deu início a uma enorme operação de busca, antes de ser tragicamente encontrada morta, a poucas centenas de metros de onde desapareceu.

Brian Edwards, irmão de Etta, fez uma breve declaração, em nome da família, dizendo: «A Mia trouxe uma alegria infinita à nossa família, com o seu riso contagiante e espírito maravilhoso. Ela viveu ao máximo cada momento da sua curta passagem por esta terra, e é isso que recordaremos, enquanto tentamos encontrar forças para suportar a dor que sobre nós se abateu. A minha família pede que a sua privacidade seja respeitada.»

### 3.

Tom soube do desaparecimento de Mia Enright, antes de qualquer outro jornalista, por um golpe de sorte. Estava a beber um copo com uma empregada de mesa, Ruth, que engatara umas semanas antes perto do estádio de futebol do Millwall. Tinha amigos na zona e encontrava-se ocasionalmente com eles em dias de jogos mais complicados, para o caso de haver algum desacato. A empregada de mesa sugeriu que fossem para casa dela. A mãe estava fora, não haveria lá ninguém. A referência à mãe pôs Tom de sobreaviso por um instante, mas logo se apercebeu de pequenas rugas junto aos olhos dela, quase invisíveis por baixo da maquilhagem, e considerou que não corria demasiados riscos.

A rapariga teria no mínimo 20 anos. Mesmo que fosse um pouco mais nova, ele próprio só tinha 28, não era propriamente um velho pervertido, ah, ah, ah.

Quando chegaram a Skyler Square, Mia já desaparecera há várias horas, e o pátio central fervilhava com magotes de vizinhos, aqueles que eram demasiado velhos ou debilitados ou indiferentes para ajudar nas buscas. A empregada de mesa deu-lhe a mão e levou-o para o meio das conversas, numa tentativa de perceber o que se passava. Antes mesmo de ouvir falar sobre o que acontecera, ele sentiu-se mais calmo do que se sentira o dia inteiro.

Era quase como se fosse capaz de cheirar a ansiedade crescente. Sabia que algo de proveitoso, algo potencialmente muito importante, lhe viera parar às mãos.

Preciso de usar o teu telefone, disse ele a Ruth, deixando de lado a fingida amabilidade sonhadora a que costumava recorrer quando falava com mulheres.

Mas ela não tinha um telefone em casa, a mãe não gostava dos aparelhos, por ser uma mulher nervosa. Quando os telefones tocavam, assustava-se, entrava em pânico. Precisas de um telefone para quê?, perguntou Ruth, e ele rapidamente calculou o que o esperava nas próximas horas.

Para ligar a um tio meu que vive em Camberwell, respondeu Tom. Quero que ele saiba disto para poder espalhar a informação por lá, no caso de ainda ninguém saber.

Ao ouvir isto, o olhar dela suavizou-se um pouco, como se esperava, e ele disse-lhe, Então vou procurar uma cabina telefónica, Ruth, para contar isto ao tio Michael.

No próprio instante em que pronunciou estas palavras, teve de se conter para não cair no exagero de exclamar, O tio Michael, o cabrão do tio Michael!

Mas... fazes-me um favor? Posso ficar contigo esta noite, em tua casa? Não é nesse sentido, calma, pelo menos não agora, é só porque quero estar por aqui a ajudar nas buscas pela Mia e a fazer o que puder.